

Stadium

N.º 143 ★ 29 DE AGOSTO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



O VIII ENCONTRO PORTUGAL -SUIÇA

DE "HOCKEY"
EM PATINS
DISPUTADO ONTEM
NO ESTADIO MAIER

Defrontaram-se ontem em Lisboa, à hora em que a nossa revista saía da máquina, as seleções nacionais de «hockey» em patins de Portugal e da Suíça.

As equipas:

Em cima: SUIÇA — no primeiro plano, da esquerda para a direita: Marcel Moret, Humbert Millasson e Henry Monney; no segundo plano, pela mesma ordem: Roland Zanazzo, René Martinetti, Émile Gervaz e Émile Croza.

Em baixo: PORTUGAL — no primeiro plano, da esquerda para a direita: Sidónio Serpa, Cipriano Santos e António Bernardino; no segundo plano, pela mesma ordem: Manuel Soares, Olivério Serpa e Jesus Correia.



OS REMADORES PORTUGUESES

ganharam os campeonatos ibéricos

Duas jornadas de emoção e brilhantismo vividas na magnífica pista do Lima

(DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL)

VÍEMOS encontrar a linda terra minhota exuberantemente florida, aconchegada no tom verde que a rodeia desde lá de cima, de Santa Luzia, até às margens do Lima. Mas se o aspecto da cidade, onde a cada passo se topa com certo ambiente de arte que nos diz das tradições antigas da terra minhota, é tão agradável, mais nos impressionou o entusiasmo com que em Viana se aguardavam as regatas ibéricas.

Os últimos dias foram de actividade intensa, preparando tudo para que a festa do remo fosse digna do interesse demonstrado pelos desportistas de Viana para que lá se efetuassem os Peninsulares.

Se a organização técnica do Clube Náutico de Viana, escudada excelentemente nos srs. engenheiro Vilaça, seu presidente, e Humberto de Barros, é digna de franco elogio, não se pode esquecer o magnífico concurso do sr. dr. Rocha Páris, presidente do município vianense, a tudo atendendo e verificando pessoalmente todos os pormenores que antecederam as regatas.

Viana apareceu-nos em festa — uma festa desportiva que clama o entusiasmo dos vianenses pelos desportos náuticos. O dia de domingo foi de enorme animação. Aveiro enviou muita gente e os ardores vianenses, «sentindo» estas festas do remo, despovoaram-se para a cidade. A avenida Marginal estava exuberante de movimento, não lhe faltando sequer o colorido dos lindos trajos minhotos.

É preciso apreciar-se esta animação, «viver» este ambiente vibrante e comunicativo, para se dar o verdadeiro valor à beleza do desporto.

Magníficas, estas competições de remo, que durante dois dias animaram Viana do Castelo. Admiráveis de significado desportivo e pelo que representam de progresso no belo e salutar desporto!

Com a efectivação do Campeonato Peninsular reata-se uma tradição e os desportos náuticos aparecem-nos em bela e prestigiosa actividade.

Demos um passo largo na técnica. No conjunto podemos apresentar-nos com a certeza de possuir valor. E os nossos adversários em Viana do Castelo foram difíceis. De bom nível técnico, de muito boa classe, além de se apresentarem com uma preparação que os impuseram, logo pôde ver-se durante os seus treinos, no estuário do Lima, que os espanhóis seleccionados em Barcelona e Taragona serviriam esplendidamente para este exame de possibilidades — nossas e deles.

Conquistámos uma posição. É preciso não a perder, antes reforçá-la com trabalho atento e contínuo. Reconheçam os clubes o muito que representam os campeonatos nacionais, na Figueira da Foz, e agora os ibéricos em Viana, e avaliem o que se deve ao dedicado e competente trabalho da Federação Portuguesa do Remo.

Quando nos mastros de honra que circundavam a tribuna foram arreadas as flâmulas dos clubes de desporto náutico, estava completada uma das mais brilhantes e emotivas manifestações do remo, galharda competição desportiva em que as duas nações peninsulares intervieram, irmãs nas ao mesmo desejo de progresso desportivo.

A primeira jornada

O primeiro dia do Campeonato Peninsular terminou entre delirantes manifestações da multidão

que ao longo de toda a avenida assistiu ao primeiro contacto entre os remadores portugueses e espanhóis. Portugal, representado por cinco elementos vigorosos, plenos de esforço e brio desportivo, conquistara uma linda vitória desportiva. Triunfo certo e nítido — a premiar o melhor.

Deve ter surpreendido os espanhóis esta vitória do nosso «shell» de 4, mas reconheceram logo de início que assim ia suceder.

Quando aos 500 metros a equipa portuguesa se adeantou e manteve até aos 1.000 a vantagem, tornando-a sempre mais nítida, Portugal ganhara a vitória. Foi uma luta de emoção, os olhos postos nas prós afiladas e elegantes dos dois barcos, impelidos por braços vigorosos, com o receio de poder-se ver um fraquejar... Mas os caminhenses nunca abrandaram! Insistiram sempre e foram vencendo as águas do estuário do Lima.

Seis minutos e 44 segundos ao fim de 2 mil metros, com um avanço de 5 barcos, tal foi o balanço da classificação final.

Embora a «saída» da nossa tripulação fosse má, de pronto se recompôs. Foram logo de início enérgicas as remadas que fenderam as águas. Espanha respondeu com rapidez e o esforço aumentou de parte a parte. Os espanhóis atingiram 40 remadas por minuto, a que os portugueses respondiam com as suas 44, «pegando» bem na água. O caminhar foi aumentando de velocidade, mas os nossos adversários abrandaram então para 36 remadas. Era a vitória dos portugueses, após um percurso lindíssimo, sempre em recta, sem um desvio!

Os caminhenses impressionaram-nos. Nós, que os vimos remar nos Nacionais da Figueira da Foz, notámos a diferença que fizeram, — para melhor. Corresponderam superiormente ao encargo

que lhes foi atribuído. O seu estilo aproxima-se agora muito do italiano, de facto o que se coaduna melhor com o seu feito. Acusaram treino, poder físico, aperfeiçoamento. Só assim puderam impôr-se aos espanhóis.

A equipa castelhana mostrou a sua boa preparação técnica. D. José Martínez, seu treinador, deu-lhes aquêle nível superior que mesmo vencidos demonstraram no rio Lima. No entanto, pareceu-nos que dois dos seus elementos, Diera e Colvet, estão acusando os efeitos da sua larga actividade — 18 anos!

Da equipa, o timoneiro chamou a atenção geral. Os seus jovens 18 anos receberam as honras da tarde. Admirável, sem a menor precipitação, conduziu o seu «4» com perfeita ideia de timoneiro, desde a partida até à chegada.

Esta primeira jornada do Peninsular foi brilhante, sob todos os aspectos.

O tempo estava magnífico e o rio em excelentes condições.

Os portugueses, apesar de derrotados em Barcelona, sentiram em si o ânimo necessário para destruir êsse resultado.

O programa de provas complementares agradou. Além de terem sido boas, as regatas serviram para entreter a ansiedade pela prova peninsular.

O Clube Náutico de Viana enviou para a água o seu «yolle» de 4, que lhe entregou uma boa vitória.

Em «out-riggers» de 2, os portugueses do Sport e do Fluvial deram aspecto de boa competição regional.

Boa a conducta do Desportivo da C. P., na primeira eliminatória dos «yolles» de 4, com o Galitos e a C. U. F.

A Naval 1.º de Maio conquistou belo triunfo nos «yolles» de 8.

A segunda jornada

No domingo, Viana do Castelo apareceu enoivada. Do alto de Santa Luzia, escorrendo pelo denso arvoredo, um manto branco veio envolver o rio. O sol, aparecendo ao princípio da tarde, tranquilizou... mas á medida que a tarde avançava o manto branco adensou-se. O vento ligeiro do sul foi originando um pouco de «mareta». Aumentou a expectativa, tornando mais emocionante esta grande jornada do Campeonato Peninsular.

A prova de «oitos» reuniu tôdas as características de valor. Os dois conjuntos equivaliam-se. Rijos e enérgicos.

D. Juan Tarre dizia-nos um pouco antes da regata:

— Se os portugueses mantêm a sua forma de 1943, quando foram a Barcelona, nós vencemos. Mas se, como nós, evoluíram, então a luta será de igual para igual!

Foi uma regata «pesada». O tempo assim o determinou. Os remadores tiveram vento contra, mas deve-se á boa sinalização do percurso, com as balizas de cem em cem metros, a diminuição da contrariedade do nevoeiro.

No entanto, até á ponte o espaço estava mais «limpo» de neblina, — mas á medida que a tarde findava o nevoeiro caía mais. A prova ia ser dura, valorizando ainda mais o esforço que as duas tripulações teriam de pôr na luta.

Magnífica vitória!

Portugal conquistou brilhantemente uma vitória justa! Pendeu para o melhor conjunto. O Galitos não desmereceu o valor que lhe tem sido atribuído. Impôs-se definitivamente, com êste triunfo. Não sómente por ganhar — mas pela forma como obteve a vitória.

Os seus remadores portaram-se muitíssimo bem. Responderam, unidos e fortes, quando chegou o momento preciso. Admiravelmente certos, aqueles nove rapazes!

Surpreendidos na largada por uma vantagem de 1/3 de barco dos espanhóis, os portugueses reagiram de pronto, tomaram conta da voga que lhes é peculiar e, com extraordinária energia, ganharam o avanço que os trouxe até final com 2 barcos a seu favor.

2.000 metros em 6 minutos

É inegável que esta equipa tem poder. Mas a sua vitória, brilhantíssima, não diminui os espanhóis, que chegaram a ter a vantagem de 44 remadas, enquanto os portugueses navegavam a 38.

Mas tôda aquela «máquina» trabalhava afinadamente e, metro a metro, aqueles extraordinários oito remadores foram impulsionando o seu barco, cortando a água e «furando» o nevoeiro. Seis minutos depois — atingiam a meta.

A tripulação espanhola não pôde aguentar o maior poder do adversário e, assim, foi-lhes impossível manter a ligeira vantagem que inicialmente desfrutaram. Que são fortes — não há dúvida.

Houve um vencedor, brilhante e incontestável — e um bom vencido.

Tanto melhor, para prestígio da grande regata e dos dois adversários.

As regatas complementares de domingo

Como no dia anterior, as regatas complementares forneceram o condimento do programa da jornada.

Todos os remadores, «tocados» pela emoção do ambiente, se empregaram a fundo.

Na primeira prova — «yolles» de 4 — o Galitos obteve boa vitória. A segunda regata colocou lado a lado a C. P., Naval de Lisboa e Náutico de Viana. Vitória folgada dos ferroviários.

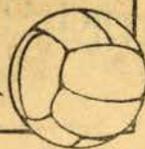
A prova de «out-riggers» de 8 despertou interesse especial. Os dois clubes do Pôrto — Fluvial e Sport — puseram na luta grande entusiasmo, do qual a multidão comparilhou. A luta entre as duas tripulações só veio a decidir-se junto á meta. Um barco de diferença a favor do Fluvial.

C. U. F. e Naval 1.º de Maio largaram para a prova de «yolles»

(Continua na página 15)



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

V. JULGA

que sabe muito de futebol?

Responda — se é capaz...

TRATA-SE de um passatempo agradável—que não faz mal a ninguém. V. não falta a um desafio de futebol. Não negue! Vê-se ao primeiro relance, pelo seu ar desportivo, que é adepto. Além disso, devora os jornais da especialidade, é curioso e gosta de cavaquear sobre assuntos da bola. Está mesmo convencido (não insista, escusa de negar) que é um dos homens que mais sabe e entende do futebol português...

É fácil de ver, pela sua cara, que concorda. Ainda bem. Porque este passatempo é para si. Só para si. Fizemo-lo com V. no pensamento, como se usava antigamente nos postais ilustrados... Ora demonstre lá a sua ciência, respondendo imediatamente a estas perguntas:

1.º — Como era a camisola do Sporting antes da que é hoje adoptada?

2.º — Qual é a nacionalidade de Biri, o treinador do Benfica?

3.º — Em que ano venceu o Sporting os 3 campeonatos da época?

4.º — Em que lugar alinhava normalmente Cândido de Oliveira, quando jogava?

5.º — Que altura dá a Jorge Vieira?

Conseguiu responder já? — Ainda não? — Não se oponente... Tem um quarto de hora para dar a resposta; e esteja descansado. Bem o conhecemos como bom aficionado. De resto, no próximo número da nossa revista, V. terá, então, oportunidade de verificar que, na verdade, estava senhor da matéria. Ou que, apesar dos seus vastos conhecimentos, estava um pouco equivocado...

ANEDOTAS

SOU EU!...

Rogério Perez, cronista tauro-máquico de envergadura, conta com muita graça o seguinte episódio...

Encontrava-se ele em Madrid (Rogério Perez está sempre com um pé em Portugal e outro em Espanha) quando, do seu jornal, o «Diário de Lisboa», o encarregaram de fazer a reportagem de um Lisboa-Madrid em futebol, dizendo-lhe que procurasse para o efeito Jorge Vieira, o capitão do team português.

R. P. que, como bom aficionado, não mantém lá muito boas relações com o futebol, dispôs-se, no entanto, com a melhor boa vontade, ao sacrifício da reportagem futebolística.

Entrou então no vestiário em

EVOLUÇÃO DO JÓGO E DA ORGANIZAÇÃO

A REMODELAÇÃO DOS CAMPEONATOS

Lisboa e Pôrto, e a sua influência

OU oito ou oitenta. Tendo o futebol de acompanhar a evolução desportiva nos seus múltiplos aspectos, estudou a Federação uma remodelação dos Campeonatos. De resto, semelhante tarefa impunha-se. Os técnicos do Jôgo vinham a reclamá-la há tempos, e tal certamente não deixou de influenciar os dirigentes. Estes, porém, lançaram ombros à empresa e não estiveram com panos quentes, tomando logo em projecto medidas extremas: abolição dos campeonatos regionais e alargamento do campeonato nacional para catorze concorrentes.

Certo como era que a remodelação iria ferir interesses idóneos — talvez que os federativos não tivessem sido prudentes, pretendendo estabelecer de um golpe aquilo que aos poucos deveria adoptar-se, em conformidade com a própria evolução e as necessidades do futebol português. A perfeição e o desenvolvimento dos campeonatos, sob o ponto de vista da sua organização, é uma obra lenta e natural, fundamentada na prática e na experiência, e em outros importantes factores, tais como número e qualidade de jogadores, assistências e campos, e não um produto espontâneo e ideal da imaginação dos dirigentes, ou de quem quer que seja. Não se poderá evidentemente dar uma Organização ao futebol — que ele não queira. E este éle é a Federação Nacional, as Associações Distritais, os Clubes e os adeptos.

Mas a remodelação dos Campeonatos, agora remetida à sua justa medida por voluntária revisão federativa, não deixou de dar-se. Avançou-se alguma coisa,

parecendo-nos não se ter andado nem de mais nem de menos: os campeonatos regionais continuaram a disputar-se (se só por uma época ou durante mais tempo, já é outra questão); o campeonato nacional foi alargado para doze teams, criando-se deste modo dois lugares para novas Associações; e a Taça de Portugal, o único torneio que entre nós existe a eliminar, mantem-se na boa fórmula de uma só mão.

É indiscutível que as Associações do País, principalmente as mais importantes, Lisboa e Pôrto, desempenharam um papel de grande relevô na operação realizada. Elas puseram a nú esta questão importantíssima: como querem tirar-nos um Campeonato que nos dá centenas de contos, sem nos darem nada em contrapartida?

Sem dúvida — o caso era para ponderar. Como técnica, em toda a sua pureza, torna-se claro que duas competições seguidas, nos mesmos moldes e feitos, não são de aconselhar. Mas quando há um argumento tão importante, o caso muda de figura. Para todas as Associações da Província, o regional não interessa. Para Lisboa e Pôrto apresenta-se como caso de vida ou morte. Nós, por exemplo, que também preconizávamos a abolição dos regionais — começámos logicamente a recuar. Especialmente no que respeita a Lisboa e Pôrto.

Por isso mesmo, parecia-nos de boa prudência não se tomarem quaisquer medidas, tão a distância, como aquelas que anunciam para a época de 1946-47. Acompanhe-se a evolução.

Mas cautelosamente. Com a necessária prudência.

HÁ RESPOSTA PARA TUDO...

P. 126 — No desafio Portugal-Espanha que se efectuou no nosso país qual foi melhor: Francisco Ferreira ou Ipiña?

P. 127 — Manuel da Costa sempre sai do Benfica?

P. 128 — Já estarão acalmados os nervos de Teixeira e Biri? A que propósito surgiu a questão? (De Vasco Augusto Ferreira).

R. 126 — Essas comparações são sempre difíceis de fazer. São

que se equipavam os portugueses, dirigindo-se ao primeiro jogador que encontrou, um rapaz alto e simpático, nos seguintes termos:

— É capaz de me fazer um fazer um favor: Apresenta-me ao Jorge Vieira...

— Mas o Jorge Vieira sou eu...

no fundo questões vistas através da análise de cada um, havendo lugar para todas as opiniões. Qualquer deles jogou muito bem. Francisco Ferreira, no entanto, para nosso gosto, melhor que Ipiña.

R. 127 — Aconselhamos a consulta desta secção em números anteriores. A saída de Manuel da Costa parece uma coisa decidida. As vezes, porém, há casos em que as decisões, mesmo definitivas, deixam de ser fáceis...

R. 128 — Aos poucos volta a serenidade. A questão surgiu em

(Continua na página 15)

CONTA-GOTAS

Notícias e comentários

A Federação de Futebol tem sido dirigida nas últimas épocas por uma Comissão Administrativa, a que é justo atribuir dedicação, bom senso e tenacidade na função governativa. Parece que, em Janeiro próximo, se vai entrar, no entanto, no período da normalidade, fazendo-se as respectivas eleições e dando, para o efeito, a cada Associação Distrital, um voto. Ora, esta questão de voto está a ser vivamente comentada. Porque estão em jôgo dois interesses e aspectos — o daqueles que desejam ser eleitos e o dos que pretendem eleger...

Em Santiago do Chile disputou-se a final do Campeonato Universitário de futebol. A Universidade de Chile venceu o team da Universidade Católica por quatro a um.

Até aqui — não há lugar para admiração. Mas sabem os leitores uma coisa? — A assistência foi de 80.000 espectadores. Só 80.000!

Tudo se foi por água abaixo. Nem o Valência virá a Lisboa jogar contra o Sporting nem o Sevilla defrontará o Belenenses. Do Barcelona e do A. de Bilbao nem se falava já.

A proibição vem de Espanha, e a verdade é que se compreende — os teams espanhóis ainda não estão treinados, não sendo muito agradável abrir uma temporada com derrotas fora do país.

Um jornal do Pôrto, em um artigo sobre «Arbitros e Arbitragem», lança o seguinte alvite: «Todos os clubes ficarão obrigatoriamente sujeitos a adquirir para cada sócio um Código de Futebol, concedendo facilidades de pagamento à sua aquisição. O sócio que não acatasse a determinação superior perderia todos os seus direitos.»

Vamos mais longe. Além da compra do livro (isso talvez fôsse o menos) deveria obrigá-lo todos os sócios a lerem o Código, e depois disso a entenderem o Código. Por outro lado, parece-nos que a pena aplicada aos infractores deveria ser mais pesada. Qualquer coisa como prisão perpétua é que estaria certo!

O Atlético de Bilbao que quer adquirir, como bens de raiz, as suas instalações de San Mamés. Para isso, o clube lançou uma subscrição pública, que em poucos dias conseguiu cem mil pesetas. Caso consiga realizar a compra, o grande clube vizinho aumentará o seu campo com outra tribuna.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

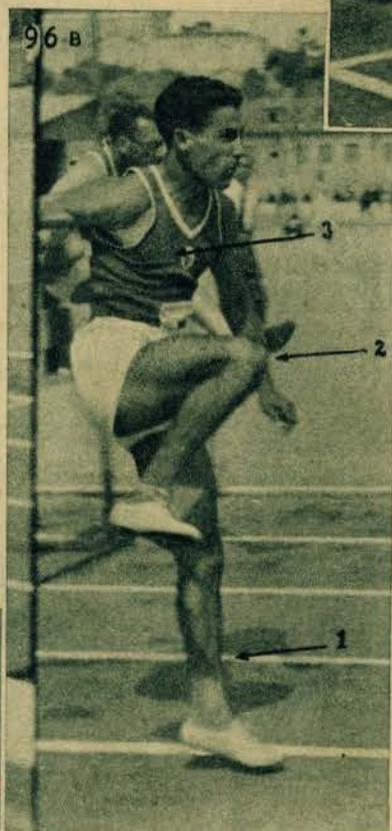
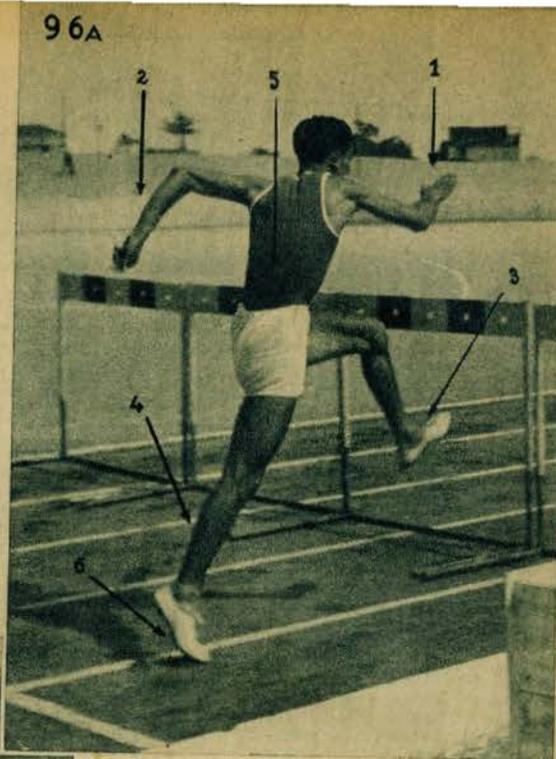
96 — Fernando Ferreira, campeão nacional de barreiras — As duas fotografias focam o início e o final da trasposição da barreira.

A chamada para o obstáculo é feita no estilo de uma passada normal; alguns saltadores americanos reforçam a impulsão para a barreira puxando ambos os braços adiante, mas o campeão português prefere aumentar a amplitude do movimento oscilatório em corrida. O braço do lado da perna de chamada (1) é levantado à frente, ao passo que o outro (2) subiu atrás, ganhando posição para a sua acção posterior de balanceiro.

A perna livre (3) é lançada bem na perpendicular à barreira e o joelho, que se elevou em flexão, está já aqui em meia extensão pela subida progressiva do pé, correctamente em posição rectangular com a perna.

A impulsão (4) foi completa, pois a perna está em extensão total e o descolamento foi feito pela extremidade digital do pé. O tronco (5) está inclinado no prolongamento da perna de chamada, mas talvez em rigor possa considerar-se demasiado aberto o ângulo com o solo. Repare-se, finalmente, na posição do pé (6), que parece indicar o único defeito corrigível: a ponta está desviada para fora, significando que o apoio do pé no solo não foi completamente assente no sentido do eixo de corrida.

Na fase B, o atleta volta ao contacto do solo. A perna da frente (1) está na perpendicular, estendida, pé em relaxamento; a outra (2), que transpôs a barreira em abdução, avançou já o joelho e traz a perna e o pé ao plano sagital, preparando



a passada seguinte. Considero, porém, em rigorosa análise, que o joelho está pouco elevado, pelo que o movimento pendular da perna, da abdução lateral à verticalidade anterior, é feito em plano baixo, o que provoca talvez os frequentes derrubres da barreira.

O tronco (3) teria vantagem em estar mais inclinado à frente.

97 — Hedi de Sá, campeã nacional — O estilo de rolamento mostra-se ainda necessitado de grandes aperfeiçoamentos. Leve-se em desconto de alguns erros observados a escassês da altura a transpôr. No entanto, verifica-se que a posição do tronco (1) está muito longe da desejada horizontal; os ombros subiram muito mais, desnecessariamente mais do que a bacia. Os culpados são, em parte, os braços (2), que foram projectados muito para cima e se conservam desinteressados da colaboração do rolamento; neste momento, os braços, sobretudo o braço direito (o superior), já deviam ter sido puxados para diante e para baixo.

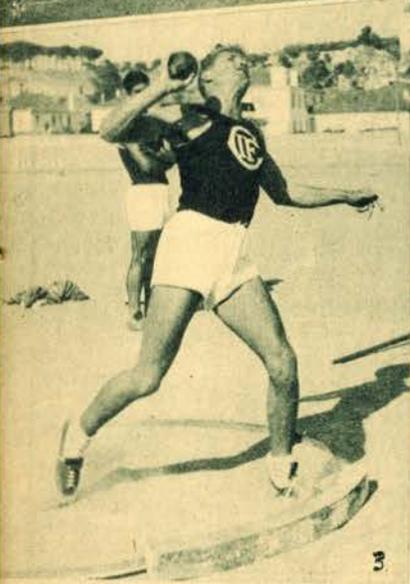
A perna de chamada (3) está consideravelmente atrasada em relação à companheira, mas é possível que o curto trajecto ascensional não desse para mais. A posição da coxa, mais perpendicular do que paralela à barra, deixa supôr má elevação da perna de chamada, retardando a sua reunião à perna livre.

A perna livre (4) está retardada em relação à parte superior do tronco, prova de insuficiência no movimento pendular de subida. Repare-se ainda na ponta do pé, voltada para cima, quando deveria ter rodado para baixo, colaborando no esforço do rolamento.



ATLETISMO

Imagens da actividade da última semana



No sábado: 1 — Duelo entre Matos Fernandes e Martins Vieira, nos 200 metros barreiras, ganhos pelo segundo; 2 — Matos Fernandes salta 1,80 m.; 3 — Pinto Basto lança o pêso; 4 — A equipa do Benfica, vencedora dos 10x200. No domingo: 5 — A equipa mista que bateu o «record» dos 4x200; 6 — Francisco Bastos bate o «record» nacional dos 1000 metros; 7 — Manuel da Silva, que bateu também o «record» do sul no disco; 8 — Os concorrentes ao torneio do Mirantense; 9 — Os participantes no torneio do Ateneu, no qual se disputava a taça «Imprensa».

O III Portugal-Espanha

As vitórias de Simas e Mendes da Silva — O novo «record» de Baptista Pereira — Representação fraca em «water polo», como já se previa

A PÓS dezanove anos, voltou a disputar-se o encontro peninsular de natação. As provas realizaram-se, como se sabe, na bela piscina de Montjuïc, em Barcelona, e nelas os nossos representantes tiveram comportamento meritório, vencendo três das seis corridas disputadas.

Mais não pode exigir-se da representação de um país onde a modalidade se restringe, praticamente, a duas cidades — Lisboa e Coimbra. Mais não pode exigir-se também de nadadores que dispõem apenas de duas piscinas de inverno — a de Algés e a do Estoril — ambas sem as condições ideais para treino profícuo.

Saudemos, pois, como merecem, as vitórias de Mário Simas, nos 100 metros-livres e nos 100 metros-costas, e a de Artur Mendes Silva, na prova de 200 metros-bruços.

No «water-polo» fomos larga e logicamente batidos. A modalidade é praticada entre nós apenas no Algés e, ultimamente, no Estoril Praia. Como progredir? Como possuir turmas de «water-polo» sem maior número de praticantes — e sem locais para a sua preparação?

As provas de estilo livre — A vitória de Mário Simas

Das quatro provas de estilo livre de tipo olímpico, os portugueses ganharam uma e perderam três. Todavia, mesmo quando derrotados, lutaram com brio e entusiasmo.

Jogos internacionais de «hockey» em patins

O Portugal-Suíça

e os encontros a disputar com os jogadores helvéticos

JÁ depois da nossa revista entrar na máquina deve ter-se realizado, no Estádio Mader, o encontro internacional de «hockey» em patins entre a selecção de Portugal e da Suíça, acontecimento desportivo cujo elevado relevo é desnecessário focar.

No nosso próximo número ofereceremos aos nossos leitores uma reportagem gráfica tão completa quanto nos permitirem as actuais dificuldades em obter material fotográfico apropriado, posto que o encontro se efectua de noite.

Hoje, a partir das 21,30 horas, no magnífico «rink» de Cascais, disputam-se os encontros Sporting de Oeiras-Dramático de Cascais e Seleção de Lisboa-Seleção de Montreux. Depois de amanhã, sexta-feira, de novo no Estádio Mader e à mesma hora, defrontam-se o Hockey de Síntra e a Académica da Amadora, jogo a que se seguirá o «match» Futebol Benfica-Montreux H. C.

No domingo o público desportivo terá a única sessão diurna, às 17 horas, no «rink» de Síntra. O programa engloba também dois jogos: Campo de Ourique-Académica da Amadora e Hockey de Síntra-Montreux H. C.

Na segunda-feira, de novo às 21,30 horas, os encontros prosseguem em Paço de Arcos, defrontando-se Futebol Benfica e Campo de Ourique e Paço de Arcos e Montreux H. C.

Finalmente, no dia 5, quarta-feira, o Montreux H. C. faz a sua última exibição, em Santo Amaro de Oeiras, às 22,30 horas, com o clube local — encontro antecedido pelo jogo Benfica-Ligás.

Dentro das possibilidades de oportunidade permitida pela factura da nossa revista, proporcionalmente aos leitores desenvolvidos crónicas técnicas de todas estas magníficas jornadas do emocionante desporto que é o «hockey» em patins.

Nos 100 metros-livres, Mário Simas alcançou uma bela vitória, em 1 m. 3,5 s. O espanhol Pera ficou distanciado do nosso campeão, com 1 m. 5,4 s. Ferry foi o terceiro e Guilherme Patrone, embora sem fugir ao último posto, obteve um «tempo» bom para a sua categoria e normal para as suas possibilidades — 1 m. 7,6 s.

Nos 400 metros-livres, a vitória pertenceu ao espanhol Ferry, em 5 m. 21 s. O alhandrese Baptista Pereira, porém, não ficou longe. Obteve 5 m. 24, 4 s., marca esta que fica sendo o novo «record» de Portugal da distância. O anterior «record» estava em 5 m. 25 s., pertencia a João José Mira Gomes e datava de 21 de Junho de 1941. Os restantes concorrentes, Ollo e Belmiro Santos, não deram luta aos dois primeiros.

Manolo Martínez — bem conhecido dos portugueses — foi o vencedor dos 1500 metros, prova em que Baptista Pereira desistiu, em circunstâncias já conhecidas, depois de se manter à cabeça até aos 750 metros. Martínez obteve 22 m. 27,9 s., e Ollo também não lhe ficou longe, com 22 m. 30,2 s. O único português classificado foi o estorilense Belmiro Santos, num «tempo» dentro das suas possibilidades (23 m. 33,6 s.).

A estafeta de 4x200 metros-livres foi empolgante como espectáculo. O elenco português seguiu à frente até aos 770 metros, altura em que se travou emocionante duelo. Venceu a turma espanhola. Os portugueses obtiveram um «tempo» que é o melhor conseguido por equipas portuguesas. A Espanha alinhou Manolo Martínez, Ladary, Sierra e Ferry — e cobriu a distância em 10 m. 10 s. Portugal apresentou Jeremias Simão, Luis Lopes da Conceição, Joaquim Baptista Pereira e Mário Simas e fez 10 m. 13,6 s. O melhor «tempo» português pertencia ao Sport Algés e Dafundo, com 10 m. 20,4 s., e datava de 26 de Julho de 1940.

Nova vitória de Simas nos 100 metros-costas

Na prova da sua especialidade, o campeão português triunfou como excelente nadador que é.

Mário Simas não precisou de se empregar, realmente, a fundo, para obter uma vitória nítida. Creditou-se de 1 m. 14,3 s., contra 1 m. 18 s. de Manolo Martínez.

Piernavieja, um consagrado da natação espanhola, fez 1 m. 20 s. e Artur Mendes Silva 1 m. 22 s.

Mário Simas obteve, assim, nova vitória sobre Manolo Martínez, a confirmar a de 1940, em Lisboa, e impondo-se, mais uma vez, como o melhor especialista da Península.

Artur Mendes Silva venceu nos 200 metros-bruços

Artur Mendes Silva, outro jovem campeão português, foi, sem favor, das maiores figuras deste II Portugal-Espanha. Nadador que é um especialista relativamente recente em bruços, triunfou com incedível brilhantismo na prova

DUAS NOTAS POR SEMANA

EM PORTUGAL

Escassos dias nos falta percorrer para que o futebol re tome os seus direitos de senhor activo e imperioso. A sua ideia, porém, já há algumas semanas se asseverou dos interesses clubistas e da paixão pública: são pródromos em que se debatem problemas complexos, para os quais cada um apresenta uma solução, que não é em regra «a solução», mas sim «a sua solução», aquela que melhor se adapta às conveniências próprias e às necessidades do momento.

O anúncio de novos projectos na orgânica nacional da prática do jogo deu maior realce aos habituais debates que, assim, além do tema clássico das transferências, encontraram outro motivo para desenvolvimento dos seus comentários.

O organismo superior do futebol pretende, ouvindo ou consultando todos os interessados no assunto, encontrar uma decisão que os satisfizesse unanimemente; esperança vã porque, como aliás era lógico presumir, as hipóteses preferentes solucionatórias foram tantas quantos os opinantes. Para chegar a um fim houve a necessidade de resolver pelo critério superior, seguindo os ditames do que se considerou — bem ou mal, a experiência o dirá — mais adequado aos interesses nacionais.

Prossegue assim a aplicação da doutrina, ainda insuficientemente compreendida, que põe as práticas desportivas ao serviço do povo e da nação, sacrificando interesses particulares aos interesses comuns. Existem, ninguém o negará, direitos legítimos e serviços invocáveis em defesa desses direitos; mas toda a elevação da campanha do desporto depende precisamente da subordinação de esforços a um idealismo superior, para o qual convergem todas as acções parciais, aceitando com isenção a disciplina e a lei da comunidade.

NO ESTRANGEIRO

Talvez fôssem poucas as pessoas que analisaram com a merecida atenção as notícias dos jornais espanhóis, referentes aos campeonatos de atletismo que disputaram entre si, e pela terceira vez em anos consecutivos, os filiados da organização da Frente de Juventudes.

A estes torneios, que assumem característica nacional, concorrem sempre representantes de todos os distritos de Espanha, em número avultado, que traduz significativamente o colosso esforço de expansão das práticas atléticas que está sendo desenvolvido pela organização que reúne oficialmente no país vizinho a juventude de todas as camadas sociais.

Embora os resultados registados sejam muito de apreciar, o que mais nos impressiona nos campeonatos em questão é a sugestiva afluência de participantes, que obrigou a dividir as provas por cinco dias, para satisfazer um programa idêntico ao dos nossos torneios federativos, que em Portugal se esgota sem custo em sessão e meia.

As corridas de todas as distâncias, até à légua, comportaram eliminatórias: três nos 1.500 m., quatro nos 800 m., sete nos 110 m. barreiras, dez nos 400 e nos 200 m. e onze nos 100 metros. Nas três últimas competições indicadas, seguiram-se às séries quartos-de-final, meias-finais e final.

Nos saltos e lançamentos os concorrentes foram divididos em duas séries, apurando para a final aqueles que se classificaram nos primeiros lugares e além de um mínimo pré-determinado.

Desta forma leremos de admitir rápido progresso para o atletismo espanhol, porque, sejam quais forem as condições de trabalho, a subida de classe da modalidade é sempre junção da quantidade de adeptos.

de 200 metros. Vitória nítida, justa — a confirmar qualidades e possibilidades.

Tempo obtido: 3 m. 3,5 s. — o seu melhor de sempre. Nordt, o espanhol classificado em segundo lugar, gastou 3 m. 8,2 s. E foi com Nordt que o nosso João da Silva Marques travou emocionante duelo, sendo batido apenas por um décimo de segundo. Creditou-se, portanto, de 3 m. 8,3 s. Silva Marques — um veterano — também merece, sem favor, uma referência elogiosa.

O quarto classificado, o espanhol Cuadrillero, cobriu a distância em 3 m. 9,2 s.

Em water polo: Espanha, 5 — Portugal, 0

No desafio de «water polo» os portugueses lutaram com entusiasmo e brio desportivo. Fizeram, dentro das suas possibilidades, o máximo. Atingiram o intervalo a perder por 3-0. Depois, porém, o pouco fundo da equipa falou. A falta de jogos de campeonato e o nulo contacto internacional não permitiram à turma portuguesa um resultado mais honroso. E a derrota veio, natural e expressiva: 8-0.

Para a história, arquivemos a constituição das respectivas turmas: Espanha: Cruells; Gander e Darras; Brull; Sabata, Gimenez e Castiello. Portugal: José Rosa; Fernando Sacadura e Francisco Alves; Armando Moitinho de Almeida; Oscar Cabral, Rodrigo Bessone Basto e José Manuel Correia.

Marcaram: Sabata, Brull e Gimenez, no primeiro tempo. Sabata Castiello e Gimenez (3) na segunda parte. Assim decorreu, em resumo, este encontro Portugal-Espanha em natação — que a falta de espaço impede que foqueemos mais pormenorizadamente. No nosso próximo número, porém, comentaremos este «match» com mais desenvolvimento, em especial sob alguns aspectos que merecem ser focados.

Começou a disputar-se o Concurso de Cascais

Foi aguardado com vivo interesse o Concurso Hípico de Cascais, que todos os anos alcança êxito notório e que começou a realizar-se no sábado passado, no Hipódromo Municipal, que oferece agora aspecto magnífico.

Procurou a Junta de Turismo de Cascais, organismo que o promove, conseguir a inscrição de uma forte equipa espanhola, mas as datas coincidem com as do Concurso de S. Sebastian, o que não só impedia a vinda a Portugal dos cavaleiros do país vizinho como, também, a ida aquela cidade da nossa equipa internacional.

Também foi propósito dos organizadores da importante competição, sem dúvida a segunda, em valor, de quantas se realizam no nosso país, aumentar o número de prémios, tornando-o mais amplo e dando aos concorrentes maiores probabilidades de se classificarem. O Concurso do ano transacto peçou neste capítulo, principalmente no «Grande Prémio», onde a desproporção entre concorrentes e prémios era flagrantíssima.

Este ano os organizadores conseguiram redimir mais de quarenta contos em prémios pecuniários, verba muito semelhante à do Concurso de Lisboa, e ainda quinze tapas, uma das quais de ouro, destinada ao cavaleiro vencedor do «Grande Prémio».

Oferce a organização do certame certas inovações, algumas até louváveis — e entre estas a que determina que na prova «Discípulos» não sejam apresentados cavalos com «handicaps», o que torna a luta mais igual e acaba com a possibilidade de parte dos rapazes se colocarem em superioridade manifesta, pela facilidade de conseguirem cavalos de nomeado, os quais nem sempre são convenientemente condzidos, como se verificou em Oeiras.

Outra inovação é verificada na prova de «Amazonas», obrigando as concorrentes a «toilettes» escuras, chapéu de côco ou toque de caça, o que nos parece contraproducente, visto que deve dificultar certas inscrições, redzindo-as no seu número e tirando consequentemente a competição o brilhantismo do ano anterior, por exemplo.

O programa está correspondendo em brilho ao cuidado com que foi elaborado. No primeiro dia começou-se pela prova «Sargentos», que rednia 12 concor-

rentes e terminou com a vitória de José Correia, no «Solido», conseguida depois de transpor os 12 obstáculos em 1 m., 14 s. e 3/5.

Seguia-se a prova «Hoteis dos Estorils», acompanhada com interesse por numerosa assistência e que foi bem disputada, apesar de se tratar da inauguração do vasto programa. Houve luta emocionante para a posse do primeiro lugar desde que o «Sagres», montado por Correia Barreto, se colocou na vanguarda, com um percurso magnífico, em 54 s. 3/5, a demonstrar as suas belas possibilidades. Só muito mais tarde, já na segunda parte da prova, o resultado se modificou, depois da «Benguela», condzida com desembaraço por Fernando Pais, passar para o primeiro posto da classificação com 54 s. e 3/5 — mas por pouco tempo... O «Raso», cavalo extraordinariamente popular em Cascais, entrou afinal na pista para obter uma linda vitória. Correia Barreto condzia-o como êle sabe, nam andamento que não oferecia dúvidas, sem um toque, tirando, em 52 s. 3/5, um percurso notável, entusiasticamente aplaudido. Apesar de inúmeras tentativas — e entre estas a mais perigosa foi a de «Zadri», com Henrique Calado — nenhum outro concorrente conseguia bater o «Raso», que triunfou, assim, com inteira justiça.

Rodrigo de Castro Pereira metea «Hoppfall Don» em 4.º lugar, salientando-se ainda Joviano Ramos, na «Alerta» (5.º) e no «Magal» (7.º); Joaquim Barreto, no «Selecto»; Jaime da Fonseca, no «Fakir»; Lemos da Silveira, no «Guadiana»; José Beltrão, no «Squalos»; e Kalza Ariaga, na «Balada» — que conseguiram os restantes prémios, todos com percursos limpos.

As provas de domingo redniram ainda maior assistência.

A «Regularidade», de classificação feita pelo maior número de obstáculos saltados, sem faltas, durante três minutos, é sempre uma prova de interesse e agradável de seguir. A de domingo reunia 71 inscrições e entre estas a de quasi todos os nossos «ases».

O percurso estava formado por 14 obstáculos, à altura máxima de 1,30 m., e apesar de não estar difícil não foram muitos os cavaleiros que o completaram — e muito poucos os que o repetiram.

O «Magal», montado por Jo-

Mais «records» mas escasso interesse

PORQUE me encontro em férias fora de Lisboa não tenho podido assistir, desde o começo do mês, às organizações de atletismo; no sábado passado, porém, decidi-me a jantar fora de horas para presenciar o anunciado festival. Infeliz inspiração...

Não é com programas como aquele decorreu que se prestigia a modalidade e capta o interesse do público. Foi até uma sorte ser tão diminuta a assistência...

Anunciado o início das provas para as 17,30 horas, só cerca dos 18 os membros do júri terminaram as medições da pista para a colocação das barreiras; as restantes medições prosseguiram durante a disputa das provas.

Não havia fio de lá para a chegada e substituíram-no por nastro verde, inquebrável, evidentemente perigoso para os corredores.

A maior parte dos escassos atletas participantes não compareceram na sddação inicial ao público, flagrante descortezia a averbar, sobretudo, na conta dos sportingistas, dos quais apenas cumpriram aquêle dever Manuel da Silva e António Araújo.

A primeira condição para animar uma rednição de atletismo é apresentar número suficiente de participantes em cada prova do programa; neste sábado, excepto no péso, alinharam apenas três homens em cada corrida ou concurso, na proporção de dois do

viano Gomes, conseguia saltar 25 obstáculos, colocando-se à frente, até que Joaquim Leote, no «Zepelin», o ultrapassou, com 33. Pouco depois, o Marquês do Funchal, que se fez aplaudir na «Bonita», colocou-se como favorito, com 38 obstáculos.

Não seria este, no entanto, o vencedor, porque «Voaga», acidentalmente montado pelo alferes Craveiro Lopes, fez uma boa prova e transpôs 40 obstáculos, sem faltas. Pouco seguro de início, foi melhorando gradualmente e a última parte foi coberta com brilho.

A prova «Discípulos» — 12 concorrentes — foi disputada com entusiasmo e bem ganha por Hélder Mendonça, na «Paldia», seguido de Gabriel Dores, na «Alerta», e de Carlos Campos, no «Zagal».

Todos se fizeram aplaudir e a luta foi, como se esperava, mais igual, o que nos parece razoável.

ANTAS TEIXEIRA

As nossas separatas

Por não ter ficado impressa a tempo de acompanhar este número do STADIUM, transferimos para a próxima semana a publicação da sexta separata da série dos **emblemados dos clubes desportivos**, na qual se incluem os da Académica de Coimbra, Desportivo das Aves, Clube de Futebol «Os Elvenses», Imparcial F. C., de Alcochete, Moreirense F. C., de Vizela, S. C. Vianense, de Viana do Castelo, Comércio e Indústria, de Setúbal, e União Desportiva Oliveirense.

A seguir, coincidindo com a reabertura da época de futebol, a anunciada tricromia com o «onze» do **SPORTING**. Depois, outra tricromia: os campeões de «basket» do **BELENENSES**.

Prestes a começar: a **BIBLIOTECA DA STADIUM!!**

Benfica para um do Sporting. Já não estava no Estádio quando se correu a estafeta, mas de antemão sabia que os «leões» perderiam a corrida, porque não creio que tivessem dez corredores no campo.

Perante as responsabilidades de uma época oficial brilhante, é indesculpável este desinteresse sportingista, que coloca o clube em flagrante sabalternidade ante o seu rival.

Os resultados técnicos das duas jornadas foram bons e fracos, mas satisfatórios na generalidade.

No sábado, João Silva correu a milha em 4 m. 36,3 s., que é o melhor tempo conseguido em Portugal, mas não poderá ser registado por culpa do juiz de partida, que deu sinal de largada com apito, o que não é consentido pelo regulamento internacional.

Matos Fernandes saltou em altura 1,80 m., a melhor marca da época, afirmando os seus direitos à selecção nacional, mais justificada ainda ante o abandono de Durães, que sistematicamente falta a todas as provas.

Os lançadores de péso mostraram-se em declínio (nem am só sabe aproveitar o impulso da perna direita) e o tempo de Paquette nas 100 jardas é péssimo, correspondendo a 11,3 s. nos 100 metros.

No domingo os resultados foram mais animadores.

Francisco Bastos, ajudado no início da prova pelo seu camarada Canhão, bateu enfim o «record» nacional do quilómetro. A prova era disputada por equipas de três corredores e de esta forma foi o Benfica o seu meritório vencedor.

No lançamento do disco, Manuel da Silva conseguia estabelecer, com 41,82 m., novo «record» do sal, justa recompensa do seu porfido trabalho. Emídio Ruivo também alcançou distância perto do seu melhor, mostrando forma mais apurada do que com o péso.

Foi também anunciado um concurso de dardo, que se não celebrou por falta de participantes. É grave, muito grave, a crise nesta prova, na eminência do encontro com os espanhóis.

Finalmente, na estafeta 4x400m., em que devia exhibir-se a pretensa equipa nacional, sucedea que houve recarso a dois componentes eventuais e esse quarteto de ocasião — os titulares Matos Fernandes e Vicente, o suplente João Jacinto e o «sprinter» puro Lourenço — cometeu a proeza de bater o «record» nacional, que pertencia em absoluto ao Sporting.

O portuense Sampaio Peixoto, que havia sido conovocado pela Federação, não se dignou comparecer. Procedimento censurável, que certamente não passará despercebido aos dirigentes superiores do atletismo, ante a necessidade de conhecer a forma do atleta para efeitos da selecção nacional.

SALAZAR CARREIRA

Inauguração do campo da Tapadinha

A direcção do Atlético Clube de Portugal deseja decorar o novo campo da Tapadinha, no dia da inauguração oficial, com as bandeiras de todos os clubes de Lisboa e de alguns da Província, quanto a estes especialmente dos que disputam o Campeonato da II Divisão Nacional. Assim, pede às colectividades respectivas que lhe remetam a sua bandeira até o dia 15 de Setembro próximo. O Atlético faz este pedido por intermédio da imprensa, pois recia que qualquer falta involuntária possa constituir motivo de malandrea.

PORTUGAL

GANHOU OS CAMPEONATOS IBÉRICOS DE REMO



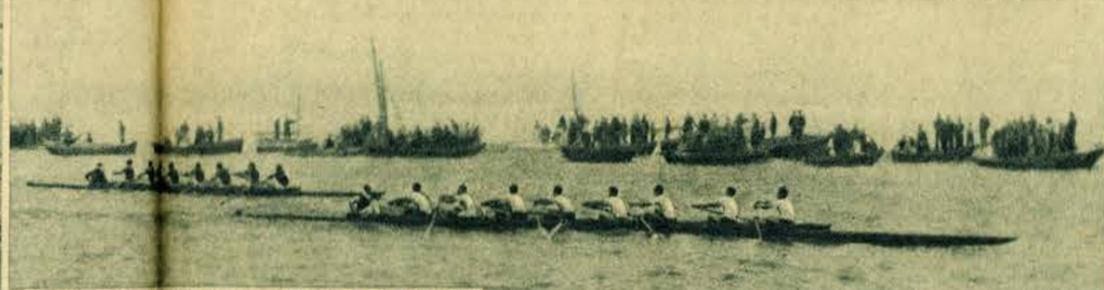
A equipa do Galitos de Aveiro, que conquistou o Campeonato Ibérico em «volles» de 8



O timoneiro do Galitos de Aveiro é abraçado pelo sr. sub-secretário de Educação Nacional, depois da brilhante vitória da sua equipa



O «volles» Galitos de Aveiro corta a meta em vencedor, deixando bastante para trás os representantes de Espanha



O timoneiro «Caminhense» recebe das mãos do sr. secretário de Estado da Educação Nacional o valioso troféu ganhando Campeonato Ibérico de «shell» de 4



A eterna luta entre o Sport-Clube do Porto e o Fluvial — que deu a esta mais uma vitória



A equipa vencedora da prova de «out-riggers» de 2



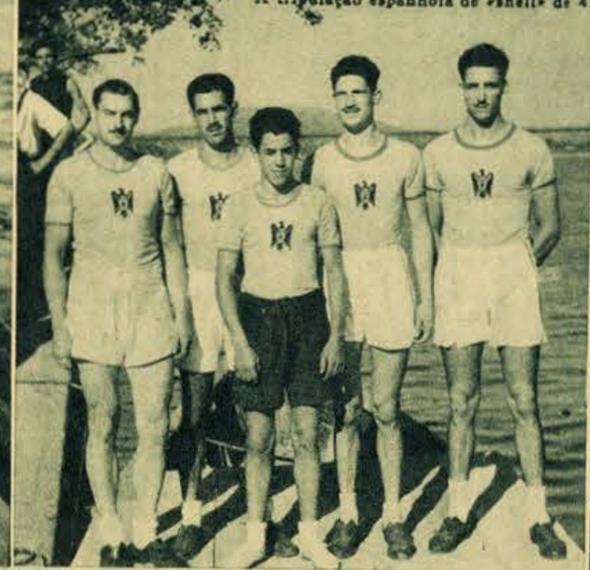
A equipa da Naval 1.º de Matos, que venceu na disputa da taça «Rio Lima»



A tripulação do Sporting Caminhense, que conquistou o Campeonato Ibérico em «shell» de 4



A 100 metros da meta, o «shell» do Caminhense conduz a prova com largo avanço sobre o barco espanhol



A tripulação espanhola de «shell» de 4



A tripulação de «volles» de 4 do Desportivo da C. P., vencedora da taça «Felicidade»



A equipa espanhola de «volles» de 8

MOSAICOS nortenhos...

CONFIRMA-SE a notícia que há semanas demos aos leitores sobre uma possível alteração nos resultados do campeonato regional de handball no ano findo.

Assim, a Federação informou a A. H. P. de que o protesto do Leça é de atender, pôsto que o jogador Dias Leite (Bacano) estava mal inscrito pelo Salgueiros, visto havê-lo feito em 1943-44 pelo Boavista, sem ter pedido transferência.

Mas este caso trouxe outro ao conhecimento da Federação: o de Burnay Pereira, do Académico, que em 1943-44 esteve também inscrito pelo F. C. Porto. Uma bola difícil de descolar...

OS TREINOS no F. C. do Porto já começaram, sob os ordens de Szabo. Como os do Boavista, dirigidos por Marilins. Em qualquer dos dois agrupamentos há muita esperança, não faltando quem os suponha capazes de representarem mais uma vez o Porto no campeonato nacional.

O Boavista recebeu vários reforços, sendo o mais notável a entrada de Barroso, do Leixões, rapaz extraordinariamente hábil para o futebol.

A LINHA do F. C. do Porto é já apontada nos pontos de reunião. Seria assim: Barrigana; Camilo e Guillher; Nano, Romão e Octaviano; Laureço, Gomes da Costa, Correia Dias, Sanjins e Catolino.

Nos treinos, Barrigana foi dos primeiros a comparecer. Depois de tantos boatos...

A NATAÇÃO vai interessar de novo? Assim pode julgar-se depois do F. C. do Porto ter apresentado na piscina de Espinho uma boa equipa, constituída pelos irmãos Agostinho da Costa e Rovers, que pertencem a organismos desportivos de Aveiro. Se o F. C. P. se dedicar com entusiasmo a esta modalidade — a nataçãõ reviverá no capital do Norte. Tem sido sempre assim em todas as modalidades. Logo, façamos votos para que tal suceda.

Podemos ainda informar que o popular agrupamento do Norte se fará já representar nos campeonatos nacionais de nataçãõ. Sinceros parabéns.

FINALMENTE, tivemos ciclismo em pista. E, finalmente também, foram distribuídos os prémios de corrida Porto-Vila Real-Porto... Ao F. C. P., nesta prova, foram distribuídas 5 laças; ao Salgueiros — duas. Aguardemos, agora, que os clubes promovam novas organizações. Parece oportuno informar, entretanto, que não se conhece ainda o dia exacto para a disputa dos campeonatos nacionais. Sobre esta prova garantem-nos que não será assistida pelos ciclistas lisboetas, e isto por via de qualquer «sarilho» na organização de calendários.

A ver vamos...

PORTUENSES:

assinem a STADIUM

De oito em oito dias

Ainda se luta...

Ao contrário do que se registou por esse Mundo fóra, em certo arrejaj clubista desta cidade o ambiente permanece ainda em... «hostilidades»... A maneira como as coisas são expostas e defendidas, a forma como se pretende garantir que a união exista... dentro da mais radicada desunião, a delicadeza como são expostos certos problemas, em que a senda parece ser paralela, quando, muito escondido, está um desvio para outro lado, continúda a ser o motivo para a boa disposição que se julga assistir a determinado sector clubista desta cidade...

Todos procuram chegar a «brosa à sua sardinha». O pior é se ela se extingue, ou vem um balde de água que reduza a carvão as boas intenções...

Era uma vez...

Em certa terra, existiu um «menino»... já trilhão, que, por motivos que não vêm para o caso, não era senhor de si, isto é, não podia resolver nada que dissesse respeito à sua vida particular sem dar satisfações e esperar pela complacência de um grupo de indivíduos seus «administradores». Ora deve-se o caso de, além destes, o tal «menino» ter ainda, como apêndice administrativo ou coisa quejanda, um grupo de velhos fios também com pretensões a mandar sobre compras de bens imóveis. Uma bela ocasião foi resolvido comprar uma casa para o «menino trilhão», pois o que possuía, se era bastante enquanto foi pequenino, já não chegava para as suas necessidades de expansão. Resolveram por isso os velhos fios comprar um terreno em determinado ponto — e ficaram por aí, à espera do dinheiro que faltava, «deveria vir de qualquer parte, por milagre...», para pagar o terreno e poder fazer-se a casa...

Mas, sucedeu que, quem dirigia e governava a actual, descobriu outro terreno na freguesia onde o «menino» nasceu e cresceu, e que por essa e outras razões era superior ao que os «velhos fios» haviam adquirido. Estabeleceu-se polémica entre uns e outros, anos após anos — e o pobre do «menino trilhão» a ver outros meninos a alindarem as suas moradas, e a uparem, e crescerem, enquanto ele continuava para ali numa «constituição» aborrecida e pequena para as suas que-rencas...

Ora, se isto é assim, porque é que o «menino trilhão» não faz valer os seus direitos, sacode quem não o deixa atingir o fim que pretende, se desfaz dos «velhos fios» e dos administradores que não cumprem ou não considerem as suas necessidades, e, senhor dos seus actos, não reivindica a sua liberdade e pugna pela realização prática dos seus desejos?

Se assim fizesse, — mesmo sem ser ingrato para os «velhos fios», que muito o acarinham quando era ainda novo, e sem voltar ao ostracismo os «administradores» que melhor tenham servido a sua

Haverá brevemente uma boa novidade

NÃO se pense que o assunto «Estádio do F. C. do Porto» está posto de lado. Ou que os dirigentes do clube tenham optado definitivamente pelo terreno da Vilarinha, por impossibilidade manifesta de chegar a qualquer acordo com o proprietário dos terrenos das Antas. Nada disso. Podemos garantir que o F. C. do Porto, mais do que nunca interessado em resolver o seu problema, continua a trabalhar no sentido de dar aos seus associados e a todos os seus simpatizantes, dentro de breves dias, algumas boas notícias.

Poderíamos levantar uma pontinha do véu. Mas reconhecemos bem as dificuldades com que tem lutado a direcção do F. C. do Porto e preferimos aguardar ainda uns dias. Um pouco de tempo mais e poderá dar-se aos leitores uma boa novidade.

Do que estamos certos, desde já, é que continuam em causa os terrenos das Antas. A direcção do F. C. do Porto, briosa, insistindo sempre, continua com as indispensáveis negociações.

Nas Antas, de facto, estará muito melhor o F. C. do Porto. Não porque fique na mesma freguesia — «molitão» alegado para «desfazer» a campanha pró-campo do popular clube...

As instalações do F. C. do Porto ficarão melhor nas Antas apenas por «isto»: mais próximo do centro; meios de transporte acessíveis, por eléctrico e caminho de ferro; zona livre de ventos, nevoeiros e ares ásperos do mar; e local aprazível, saudável — absolutamente «lanado».

A luta entre duas correntes, de um modo lamentável, tem-se desenvolvido — e às vezes com pouca elegância. E talvez um dos motivos que tem embaraçado a solução ou soluções do caso. A direcção do F. C. do Porto, segundo parece, nem sempre recebe de alguns consócios a necessária ajuda — e daí a razão de se estabelecerem confrontos perigosos e que nada adiantam. Às vezes — até parecem «cascas de laranja» atiradas aos pés de quem procura lutar, lutar sempre e confiadamente.

Mas tudo se arranjará. A camada associativa do F. C. do Porto está de alma e coração com os seus dirigentes. Por maioria esmagadora, confere-lhe poderes. E embora se demore mais do que seria preciso, a direcção não cede um passo, não olha para trás e segue pelo bom caminho. Se o problema das Antas não for inteiramente resolvido, e estamos informados de que tal não sucede, — nem por isso deixará de saber-se que tudo foi previsto pelos directores do clube. A «história» deste caso Antas-Vilarinha, a ser conhecida em todos os pormenores, daria para algumas colunas de prosa. Mas deixemos isso. Por agora, garantimos apenas aos leitores que talvez as coisas já estejam mais esclarecidas do que se julga. O F. C. do Porto continua a pensar bem e a esforçar-se o melhor possível. Deixemos que actue com liberdade — porque a defesa dos interesses do popular agrupamento nortenho está bem entregue!

O parque desportivo da cidade

vai ser construído em zona imprópria

Um problema que espera que a imprensa se pronuncie, enquanto é tempo...

Os jornais diários informaram que o Município do Porto resolveu estabelecer uma «zona de desportos» na área e urbanizar entre o Castelo do Queijo, a via ferrea da Companhia do Norte e a avenida do Boavista, sendo pôsto de parte o projecto da Pasteleira.

Nessa «zona de desportos» que se pretende criar, será incluída uma piscina de água salgada, Estádio Municipal e campo de jogos. Assim o afirma a proposta aprovada.

No que se refere a Estádio e a campo de jogos, não pode o local escolhido merecer o aplauso e a concordância de quem anda melido nestes coisas do desporto, por várias razões, muito de ponderar.

Se é certo que ao problema de transportes e escoamento do estádio e campo futuros será dada a

causa, — talvez dentro de um ano tivesse erguido a sua casa, com o emblema da sua «estirpe» esteado no mastro grande da porta principal do seu «palácio»... — no qual receberia os «velhos fios» e todos os seus amigos com a validade

(Continua na pag. e 15)

solução que o facto impõe, outro há para o qual as forças do homem não têm poder: aquele que diz respeito ao pormenor climático da zona escolhida, belida por ventos e chuvas e de nevoeiros constantes. Algumas vezes temos assistido a jogos efectuados na zona alta da cidade, em que a neblina impede a visão do espectador — e até mesmo do próprio jogador, que não distingue o que se passa no topo contrário do campo.

Com os jogos na zona da Foz ou Nevogilde, o aspecto é pior. Todos nós sabemos quantas vezes a Foz se encontra envolto em denso nevoeiro, ou sob atmosfera quasi glacial, ao passo que na cidade brilha o sol.

É este o grande óbice da «zona de desportos» que a edilidade escolheu no faixão adjacente à nossa costa marítima.

Eis um factor a tomar em grande consideração. Sobre êle deverão pronunciar-se os técnicos e os dirigentes desportivos. A nossa Câmara precisa de ser esclarecida sobre este pormenor, enquanto é tempo.

As comemorações do 39.º aniversário do F. C. do Pôrto

○ pormenor mais importante, por imprevisão, dos que fazem parte das solenidades comemorativas do aniversário do F. C. do Pôrto, foi incluído no programa sem conhecimento da direcção do clube «azul-branco», constituindo agradável surpresa. — um tanto prejudicada, quanto ao momento próprio, pelo seu anúncio na imprensa diária.

Referimo-nos à redução da penaldade imposta pela F. P. F., devido aos incidentes surgidos no encontro Pôrto-Sporting, de ingrata recordação.

As comemorações deste ano foram riscadas pelo ambiente que lhe emprestaram as autoridades superiores do distrito, da cidade e do desporto nacional. A sua presença significou, acima de tudo quanto se pudesse ter dito, a consagração evidente do valor do F. C. do Pôrto, do reconhecimento do seu esforço em prol da dignificação da cidade que lhe foi berço.

Se a sessão solene efectuada no Coliseu do Porto — por amável cedência do empresário Rocha Brito, que val ser elle sócio benemérito n.º 1 do F. C. P. — foi como que a representação da grande simplicidade que o clube tem de parte dos seus 7 mil e tantos associados, enchendo o teatro de ponte a ponte, o banquete de confraternização serviu para que nele se ouvissem afirmações que tornem os homens que as fizeram responsáveis pela forma e concepção das concretas declarações proferidas sob os telos de uma dependência camarária — o Pelécio de Cristal.

Algumas ficaram vinculadas na mente de cada um — e nós não as esquecemos. Oxalá não tenhamos mesmo de as recordar, mais tarde ou mais cedo...

E como dentro do que foi dito muito pode ser feito por quem o afirmou, porque a eliminação de arestas está nos limites do poder de cada um, estamos certos de que os magnos problemas do F. C. do Pôrto, — um dos quais, senão o mais importante, é o do campo de jogos — com todos esses boas vontades, postas em palavras oficiais ou officiosas, terão pronta resolução.

Duas visitas — — Duas impressões

DURANTE a sua visita oficial a esta cidade, como hospede da Associação de Futebol do Pôrto, o sr. director geral de Desportos esteve no parque de jogos do Boavista, a pedido da sua direcção.

Não podia ser francamente pior a impressão colhida então, perante a pouca hygiene e desconforto revelados pelos balneários do popular clube do Bessa. O illustre hospede exteriorizou lealmente o seu sentir, declarando-o perentoriamente aos dirigentes do velho clube «adrez».

Depois, o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro ainda se referiu ao estado dos balneários, duas ou três vezes, no mesmo dia, no decorrer de outras visitas que efectuou.

Calcule-se, pois, a satisfação do sr. director geral em face do que

Stadium na província

Em Coimbra HIPÓTESES E REALIDADES àcerca de uma piscina

○ S problemas desportivos em Portugal são por vezes postas ao contrário.

Com a construção de piscinas tem-se dado isso, pelo menos. Há piscinas que não são aproveitadas para a natação desportiva e há núcleos de natação para onde não se constroem piscinas... Praticamente, há apenas duas aproveitáveis para provas — o Estádio Nautico do Sport Algés e Dafundo e a piscina fluvial de Coimbra. A do Estoril serve também... Mas existem algumas outras esplêndidas para a natação, como as do Luso, Curia, Espinho, Granja e Gerez, onde, normalmente, não se disputam provas.

Segundo algumas notícias vinda agora a público, estão incluídas em projectos de estádios municipais as piscinas de Braga e Beja. Não queremos contestar a estas duas cidades o direito de as possuírem. O problema andará, porém, ao contrário. Primeiro, a piscina. Depois, a natação. Primeiro, a instalação. Depois, o desporto.

Parece-nos que seria preferível pensar primeiro na natação e procurar os meios de a desenvolver onde é já praticada. Se assim se procedesse, a piscina definitiva de Coimbra não seria ainda uma hipótese. E julgamos que ninguém dirá que a Lusa-Atenas não mostrou já o direito de ter qualquer coisa que não seja a instalação fluvial do Mondego. É admirável o trabalho efectuado desde que se instalou a primeira praia artificial de Coimbra. Mas esse trabalho é melhor, de ano para ano. Há poucas semanas viu-se o valor de Coimbra — em presença do Estoril Praia.

Está bem que se pense em piscinas para outras cidades, para o maior número possível de terras portuguesas. A piscina definitiva de Coimbra tem no entanto de figurar no primeiro plano.

Um novo festival de natação

O festival de há uma semana teve especialmente por objectivo preparar os campeonatos regionais, movimentando a natação conimbricense. Foi mais um fes-

ti-ve foi patenteado agora, por ocasião da visita realizada há dias, a quando do aniversário do F. C. do Pôrto, ao verificar o que de bom e de único se está a construir no velho Bessa. O illustre visitante, que certamente recordava ainda o espectáculo de visita anterior, deve ter ficado satisfeito ao vêr como a obra que aconselhou, e a que deu impulso, se traduziu fielmente, através da boa vontade dos dirigentes e associados do Boavista — o clube que mais tem sofrido com a sorte, mas ao qual não falta a chama do entusiasmo que tudo faz vencer.

Em boa verdade, o Boavista parece remogar. Aqueles balneários indicam que, dentro da gente do Bessa, anda uma vontade tenaz e firme de fazer coisas all... e no campo. Será agora?

O «caso» de Portalegre...

EM Portalegre existiam quatro clubes: o Desportivo, o Estrela, o Lanifícios e o Alentejo. Este facto, porém, desgostava grande número de desportistas alentejanos, que se baseavam nesta certeza: o futebol local não progredia, visto que os jogadores não se agrupavam convenientemente. Este pensamento, até certo ponto, tem absoluta justificação.

E o que se dá em Portalegre verifica-se também noutros sectores. Em presença destas razões, resolveram as forças desportivas da cidade alentejana dissolver duas colectividades, ou considera-las eliminadas para o futebol de competição: o Lanifícios e o Alentejo. A disputar o campeonato distrital ficam, por isso, as equipas do Estrela e do Desportivo Portalegrense.

Sem discutir razões, tanto mais que estes dois últimos clubes foram inteligentemente escolhidos, parece-nos apenas oportuno estabelecer doutrina sobre casos idênticos. Portalegre, em nossa opinião, tomou boa medida.

Há outros centros que também precisam de rever os seus sistemas de campeonato e, logicamente, a sua excessiva representação. No distrito de Aveiro, por exemplo, tudo está dividido, de maneira que Onar, Lamas, Espinho, S. João da Madeira, Oliveira de Azemeis e a cidade capital apenas apresentam um clube. Em qualquer destas vilas, um agrupamento mais prejudicaria bastante o progresso do futebol local.

Muitas equipas em pequenos centros apenas perturbam a organização. E apenas servem para se desfalcarem uns aos outros, diminuindo automaticamente as possibilidades de cada centro.

Assim, o exemplo de Portalegre deve ser acompanhado. Com dois clubes pode surgir o fortalecimento do futebol distrital — e foi por certo esse o pensamento dos desportistas que resolveram eliminar dos dois quatro concorrentes dois anos anteriores.

tival... A noite estava fria e ventosa. Não apetecia muito o ar livre... E houve festa no Parque da Cidade, do outro lado do Mondego. Tudo contribuiu, pois, para que aparecesse pouco público e para a falta de concorrentes. Dêste modo, fizeram-se as provas quasi em familia. O festival ofereceu, no entanto, vários motivos de agrado. Mostrou muita gente nova e alguns dos rapazes exibiram-se com entusiasmo.

As condições atmosféricas não permitiram «tempos» famosos, mas houve por vezes luta movimentada. Entre o que se notou de bom, merece realce a vitória de Manuel Gaspar, numa prova de 100 metros livres. Andaram juntos, dois ou três dos nadadores, em quasi todo o percurso. Manuel Gaspar arrancou bem para a ponta final. Nos 200 metros de bruços, com inscrição livre, apareceram somente Celestino Soares e Jaime do Nascimento, dois dos melhores nadadores daquele estilo. Soares venceu bem mas num «tempo» fraco. Nascimento deu a impressão de estar descurando o estilo. A sua saída das viragens, demorada até à perda manifesta de velocidade, e o lançamento dos braços á frente, precisam de ser revistos pelo nadador. Distinguiu-se apenas no final da prova. Durval Mota parece estar em melhor forma.

Os organizadores do festival distribuíram um programa impresso. É uma iniciativa interessante, digna de elogio e repetição. Continua, porém, a indicação de que Ilda Raposo, do União, é campeã nacional de 100 e 200 metros bruços. Havendo unicamente campeonato na segunda distância, a indicação referida peca por excesso...

Coimbra prepara-se para os campeonatos regionais — e para os nacionais, que se disputam novamente nesta cidade. Os nadadores trabalham com entusiasmo.

Notas e novidades que interessam à província

AGUEDA — O Recreio Desportivo de Agueda tem quasi concluído, no seu campo de jogos, o recinto para a prática de «basket». Os aguedenses vão também dedicar-se à natação, devendo tomar parte em várias provas no distrito.

Além destas duas modalidades, o «basket» e a natação, vão os desportistas de Agueda praticar «tennis» de mesa.

PORTALEGRE — Causou extraordinário regozijo a noticia de que o Estrela, desta cidade, fará parte dos grupos que disputam o campeonato regional, este ano mais renhido, por certo, em vista da deliberação que chamou a A. F. Portalegre ao torneio nacional.

Dois dos clubes locais, o Alentejo e o Lanifícios, devem extinguir-se. O Estrela e o Desportivo, dêste modo, reforçarão extraordinariamente as suas linhas, podendo aguardar-se bom comportamento no campeonato.

TORRES NOVAS — No picadeiro da Escola Prática de Cavalaria disputou-se uma prova hípica, tendo-se verificado os seguintes resultados: 1.º, alferes Calado; 2.º, alferes Rangel de Almeida; 3.º, tenente Sérgio; 4.º, tenente Freire de Andrade; 5.º, tenente Cavaleiro; 6.º, capitão Pimenta da Gama.

VILA REAL — Ao campeonato transmontano concorrem esta época os seguintes clubes: Sport Clube de Vila Real, Operário F. C., S. C. da Régua, Clube Atlético Flaviense, Flávia F. C. e Juventude Sport Clube.

O treinador do A. C. Vila Real, Carlos Alves, principiou já a preparação dos seus pupilos.

O PORTUGAL-ESPAÑHA

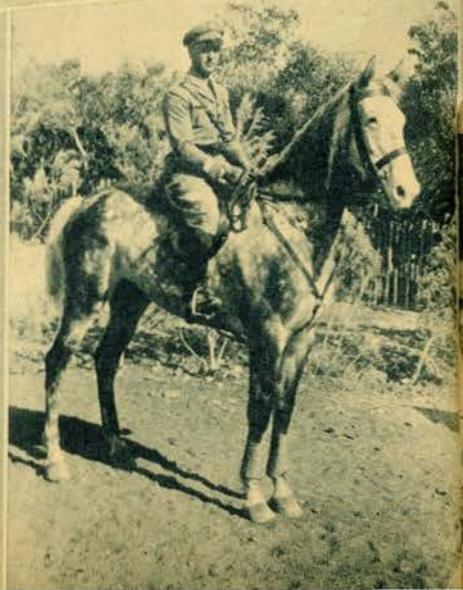
Visto pelos fotógrafos espanhóis

1 — A equipa espanhola vencedora da estafeta de 4x200; 2 — O "team" de "water-polo" que nos venceu por 8.0; 3 — A preparação para a largada de uma prova complementar feminina; 4 — Manolo Martinez, vencedor dos 1.500 metros; 5 — Mário Simas fotografado em Barcelona, depois de uma das suas provas; 6 — Ferri, vencedor dos 100 metros; 7 — Artur Mendes da Silva, que conquistou uma boa vitória nos 200 metros-bruços; 7 — A equipa portuguesa de "water-polo"



CONCURSO HÍPICO DE CASCAIS

O capitão Correia Barrento, no RRSO, vencedor da prova «Hotéis dos Estoris» disputada no último domingo



VOLLEY BALL

ATLETISMO

FUTEBOL

Stadium da PROVINCIA



ELVAS - VOLLEY BALL: 1 - A equipa do Sportins Elvense, que conquistou a taça «Sevilhana» no torneio organizado pelo Ateneu local. **ATLETISMO** - No torneio organizado também pelo Ateneu, do qual saiu vencedor o Sport Lisboa e Elvas: 2 - F. Gama (A. C. E.), F. Silva e H. Lopes (S. L. E.), 2.º, 1.º e 3.º nos 80 metros; 3 - A. Santos (A. C. E.) e F. Silva e D. Demétrio (S. L. E.), classificados por aquela ordem nos 300 metros; 4 - A equipa do S. L. E., M. Massano, F. Silva, R. Silva e H. Lopes vencedora dos 4 x 100 m.; 5 - A. Machado (D. C. V. F.) e M. Massano e D. Demétrio, respectivamente 2.º, 1.º e 3.º nos saltos em altura; 6 - Chegada numa eliminatória dos 300 metros, ganha por F. Silva, vencedor na final. **PORTO:** - O grupo de futebol dos Tribunais Criminaes do Porto, que venceu o dos Tribunais Cíveis e conquistou o bronze «Dr. Araújo Barros». **FUNCHAL:** 8 - Manuel Melim, do conhecido Marítimo, cujas cores defendeu durante vinte anos, tendo jogado com Artur de Sousa e Carlos Pereira nos infantis, despediu-se há pouco da actividade, depois de ter disputado 484 jogos. Foi-lhe prestada homenagem numa emocionante festa de despedida. Os seus amigos e admiradores arquivaram os pormenores da festa numa espécie de eplaquetes que a nossa gravura reproduz.



Homenagem a Manuel de Melim

3-VI-1945

A vida dos campeões nacionais

O CLUBE DOS GALITOS

prestigiosa colectividade aveirense

UMA das tripulações seleccionadas para representarem Portugal no III Campeonato Peninsular de Remo, que se disputou em Viana do Castelo, foi a de «out-rigger» de 8 remos do Clube dos Galitos, de Aveiro. O seu comportamento e a boa vitória nos campeonatos nacionais, há pouco disputados na Figueira da Foz, deram-lho esse encargo honrosíssimo.

O clube popularizou-se por todo o País mercê da sua magnífica actividade, especialmente no desporto do remo. Popularizou-se e rodeou-se de bom e digno prestígio, conquistando simpatias e uma posição de relevo no desporto português.

As merecidas referências que hoje lhe dedicamos surgiram através de uma conversa com o sr. Pompeu Alvarenga, dedicado e activo secretário do Galitos.

Surgiu o Galitos em 1905, em virtude de uma desinteligência havida em outra sociedade, intitulada «Recreio Artístico de Aveiro».

Nesta ficaram os velhos, prudentes e sensatos. Para o Clube dos Galitos — o seu nome o indica — vieram os novos, irrequiéticos e de vistas mais largas, animados de fazer «coisas», para saírem de um estado de acalmia que não se coadunava com os seus verdes anos...

— Apesar de poderem contar de início com elevado número de sócios, os seus fundos não davam para grandes empreendimentos; em todo o caso, o auxílio particular e a boa vontade de todos, permitiram, com o seu pequeno rendimento e deveras honesta administração, que fôsse singrando até ser o que presentemente é, podendo dizer-se que vive agora desafogadamente e dos seus próprios meios — principio por nos dizer o sr. Alvarenga.

«O entusiasmo e vontade de «fazer coisas» eram grandes. Criaram-se várias secções, funcionando com certa autonomia, mas fiscalizadas pela direcção. Apareceram assim o futebol, o «basket», a natção, o remo e um grupo cénico — esta a parte recreativa, mas que deu ao clube boa parcela do seu prestígio. Os amadores dramáticos do Galitos têm conquistado louros nos teatros do País, interpretando com propriedade diversas peças, como a ópera «A Cavalaria Rusticana», e agradáveis revistas regionais.

«O futebol foi depois abolido. Muitas canceiras, desgostos e sempre «deficite» elevado em todas as épocas. Eis a recordação que deixou ficar o desporto-rei no Galitos de Aveiro... A natção também foi praticada pelos «galitos» e não foram poucas as vitórias alcançadas. Saliente-se Amadeu Moreira, que deu ao clube vários campeonatos.

O sr. Pompeu Alvarenga falou-nos depois do «basketball»

modalidade em que o clube tem conseguido muito bom comportamento.

— Esta nossa secção foi fundada em 1932 e tem-se mantido constantemente, excepto na época 1936-37, quando se esgotaram os nossos recursos. Em 1937-38 retomou a secção a sua actividade, graças aos esforços e boa vontade de um punhado de rapazes, entre os quais é justo notar os nomes de Adriano Pires e Artur Fino; souberam dar-lhe incremento tal que grandemente contribuiu para o bom nome e prestígio do clube, tendo nessa época conquistado o título de Campeão Distrital, título esse que mantiveram até 1944.

E o secretário do Galitos recorda alguns nomes:

— Da sua direcção fizeram parte pessoas como os srs. tenente-coronel Amílcar Moarão Gamelas, Amílcar Lourenço da Costa, José Martins Arroja e outros, que não se pouparam a esforços para o maior prestígio desta modalidade, prestígio esse para o qual também contribuíram, mais recentemente, Francisco Porfírio da Silva, (actual presidente), António Maria Borrego, António Trindade Ferreira e Florentino Nunes da Maia, podendo também inclinar no número dos seus bons colaboradores Carlos Rezende, José Gomes, Vasco Roche, Alvaro de Sousa, Aurélio Fonseca, Licínio Marques, Luis Trindade e outros que, jogadores como estes, foram elementos valiosos.

«Dentre os trofeus ganhos por esta secção de «basketball», contam-se, como os mais importantes, as taças «Galitos», «Águada», «Primavera 1939», «Aurélio Fonseca», «José de Matos», «Artur Fino», «Primavera 1935» e «João Aleluia», para não enumerar outros de somenos importância.

«A secção tem atravessado períodos, ora desafogados, ora difíceis, mas, graças ao auxílio moral e material de alguns aveirenses e desportistas locais, vai singrando, para bem da modalidade no distrito e para que a A. B. A. possa contar com este núcleo desportivo. É de esperar que algumas pessoas mais apareçam a insuflar ânimo aos seus jogadores e a contribuírem materialmente para a desejada eficiência.

Mas é no remo que o Clube dos Galitos de Aveiro tem o seu grande nome no desporto nacional. Muitos têm sido os triunfos, merecidos e justos, o último dos quais em Viana do Castelo, conquistando o honroso título de campeão peninsular.

O sr. Pompeu Alvarenga evoca o principio do remo no Galitos:

— O desporto do remo, que tem colocado o Galitos em posição de saliência, teve um principio que não deixara prever futuro tão brilhante. Começou qual mero passatempo de meia dúzia de rapazes, a quem a água e o

barco fascinavam. Foram eles: Luis da Naia e Silva, António Luis Morais da Canha, Armando Madal Ferreira, Manuel da Silva Felix e António Pinheiro — o primeiro grande animador e incansável treinador actual, o último seu prestimoso colaborador, tudo prevendo para o bom êxito nas competições, e os restantes seus dirigentes e também grandes e apreciados trabalhadores.

«Surgiu a secção em 1926, sem auxílio e fundos de espécie alguma, apenas com a boa vontade daqueles, quando verificaram que não faltava matéria prima. Iniciaram então quotizações, poucas, é certo, que ameaçavam — e assim estiveram largos anos, apenas com um «raner», adquirido naquele ano — 1926 — com uma quota que entre os mesmos escolheram.

«Promoveram festas, fizeram rifas, religiosamente guardando os seus produtos, até que, já com algum pecúlio, conseguem adquirir em 1935 um «yolle» de 4. Isto animou-os bastante, bem como a outros apaixonados, e de tal forma que em 1936 adquiriram outro «yolle» de 4. À custa de muitos sacrifícios, mas vendo coronados de êxito os seus esforços, compram em 1937 dois «double-school» de dois remos e um «skiff». Em 1936 obtêm um «shell» de 4 e em 1942 outro «shell» de 4, contando assim na sua garagem marítima com 8 unidades.

«Tudo isto é o produto de uma administração rígida, honesta, com as receitas de festas, rifas, subscrições e com o auxílio de muitos amigos dedicados à modalidade e entusiasmados pelos triunfos que se alcançaram.

«Quando se julgaram «alguém», promoveram regatas, que intitularam as suas «Regatas de Outono» e se realizaram em 1937, 1938, 1939, 1940 e 1944, e passaram a entrar em competições regionais, nacionais e até ibéricas.

O SPORTING CAMINHENSE

já ganhou 10 campeonatos regionais e 7 nacionais

EM 14 de Dezembro de 1926 fundou-se em Caminha um grupo de desporto: o Sporting Clube Caminhense. Um entusiasta das salutareas manifestações desportivas, o sr. Manuel Augusto Fernandes, conseguiu essa obra interessante e simpática, consagrando a sua iniciativa grande dedicação.

O futebol foi inicialmente o desporto preferido pela nova colectividade, até 1936, data em que por dificuldades surgidas foi resolvido dar por finda a actividade da secção. No entanto, o Sporting Caminhense — filial n.º 49 do Sporting Clube de Portugal — pode orgulhar-se de, durante esse período, ter animado o desporto local e mantido posição de bom relevo.

Assim, revendo um pouco do seu historial, verifica-se que o Caminhense conquistou alguns triunfos sobre os mais importantes clubes do distrito, ao mesmo

tempo que fazia deslocar à sua terra clubes como o F. C. do Porto, Celta de Vigo e ainda uma selecção que englobava jogadores como Roquete, Carlos Alves, Pepe, Oscar, Rogério e outros.

«Os triunfos são muitos, entre os quais avultam diversos campeonatos regionais e nacionais, tendo sido já campeão ibérico em 1942. Nos «nacionais», recentemente disputados na Figueira, tiveram presença brilhante. A sua vitória em «out-rigger» de 8 foi magnífica. Foram para Viana do Castelo, ao Campeonato Peninsular, cheios de seguro prestígio. Concluíram-no!

«De todas as suas equipas fazem parte os remadores: Manuel de Matos, João S. da Canha, António Mateus Júnior, Carlos do Roque, João Dias de Sousa, José da Naia Velinho, Albino Simões Neto, Amadeu Moreira, Edgardo S. Neto, José M. Machado, Ricardo S. da Benta, Felisberto G. Fortes, Antero S. Veiga, António F. Naia Novo, Joaquim Pereira, Alpoim G. de Oliveira e Norberto Boia, timonados nos respectivos barcos por Edgar Teixeira Lopes, Luis M. Machado e Silvio P. Palpista.

E para terminar as suas informações acerca do remo no Galitos, o sr. Alvarenga diz-nos ainda:

— Levámos aos últimos Campeonatos Nacionais três modalidades de barcos — «yolle» e «shells» de 4 e 8, as duas primeiras desdobradas em juniores e seniores, o que totalizou, com os sapientes, vinte homens, além do treinador Luis da Naia e Silva e 4 directores.

«Presentemente, os Galitos têm à sua frente, como presidente da direcção, um novo cheiro de boa vontade, o sr. Pedro Grangeon, a quem Aveiro e o remo já muito devem».

Ficam registados alguns pormenores do muito que haveria a dizer do Clube dos Galitos. Publicamo-los num momento em que o prestimoso clube honrosamente representa Portugal, numa prova de grande valor, ao lado dos fortes remadores espanhóis.

— De 1935 até hoje, a única modalidade a que o clube se tem dedicado é o remo, no qual conseguimos triunfos que não têm paralelo — com orgulho o dizemos — na história de qualquer outro clube — afirma-nos o sr. Damião Felgueiras da Silva, que nos presta estes esclarecimentos.

E continuando:

— Isto não se faz sem grandes sacrifícios e muitas despesas, que actualmente se traduzem no «deficite» deste clube, o qual se eleva à quantia de 70 contos.

«Em oito anos de remo, o Sporting Caminhense conquistou 10 campeonatos regionais e 7 nacionais, somando 34 vitórias e outras tantas taças.

«Estes resultados — perdêe-nos

ainda o orgulho — dificilmente os julgamos iguados por qualquer outro clube, e muito menos ultrapassados.

Trocamos com o sr. Damião Silva algumas impressões acerca da técnica dos remadores do clube, por vezes comentada pelos cronistas do remo.

— É bom que se conheça o nosso esforço. Que se avaliem os nossos sacrifícios. Que se compense, pelo menos com palavras de encorajamento, o clube — sem falsa modestia o dizemos — que nos últimos tempos mais tem corrido para se «andar» mais no remo em Portugal.

«Tudo isto foi alcançado de «olhos fechados». Sem técnicos, sem alguém que conhecesse ao menos o que era um barco «shell». Praticamente, sem recursos monetários — a não ser contando com a boa vontade de alguns sócios e com algum auxílio da Camara Municipal, nos últimos tempos.

E precisando melhor o aspecto técnico do seu clube:

«Debata-se a nossa técnica e discutem-se os nossos remadores e os nossos métodos, muitas vezes sem se considerarem as dificuldades do meio e a incapacidade relativa das pessoas. Enfim, nem sempre se tem sido justo nas apreciações a nosso respeito. O que que podemos afirmar é que mesmo contra a opinião de todos os técnicos portugueses — desconhecemos a dos estrangeiros — a nossa forma de remar deu-nos os resultados que já expuz — e outros, embora mais modestos, de que não falo. Procuraremos melhorar a nossa técnica, mas sem esquecer nunca que o primeiro fito que temos em vista na preparação das nossas equipas é fazer andar o nosso barco mais do que os outros — isto, claro está, sendo possível...»

O sr. Damião Silva expõe-nos os projectos para o futuro:

— Neste momento, o nosso clube não pratica outra qualquer modalidade desportiva, a não ser a natção entre associados.

«Não sabemos o que o futuro nos trará. Se nos for possível arranjar meios financeiros para custeio das nossas despesas, continuaremos procurando cumprir a nossa missão, que nunca será fácil para os nossos leais adversários... Se as dificuldades com que lutamos persistirem, porém, então teremos de nos resignar a uma interrupção algo longa, para assim nos recompormos.

«Cabe às instancias superiores olhar convenientemente pelo futuro das colectividades pobres — e entre estas as mais necessitadas são aquelas que se dedicam ao remo, que só tem despesas — e bem grandes — e nenhuma espécie de receita!

Damião Silva, falando-nos pelo Sporting Club Caminhense, acabara de expor algumas considerações interessantes acerca do seu clube e não deixou de nos impressionar a informação quanto à possibilidade do Caminhense ter de suspender a sua actividade, por dificuldades que asseverbam tanto os clubes dedicados aos desportos ditos pobres.

O Sporting Caminhense — que acaba de defender as cores de Portugal nas grandes regatas ibéricas em Viana do Castelo — há de por certo continuar ao lado dos que trabalham pela glorificação do desporto nacional.

Há resposta para tudo...

(continuação da página 5)

virtude de uma agressão do treinador ao jogador.

P. 129 — Em que data se fundou a Federação Portuguesa de Futebol?

P. 130 — Esse organismo está filiado na Federação Internacional? (De J. Esteves, de Viana).

R. 129 — A Federação Portuguesa fundou-se em 1914, com a designação de União Portuguesa de Futebol.

R. 130 — Está filiada na F. I. F. A.

P. 131 — Será ou não o Sporting Clube Olhanense filial do Sporting Clube de Portugal?

P. 132 — Virá ou não o jogador Cabrita, do Olhanense para um clube de Lisboa, e para qual deles? (De F. Canais, de Torres Novas).

R. 131 — O Olhanense já foi filiado do Sporting Clube de Portugal. Actualmente não é.

R. 132 — Podemos garantir-lhe que Cabrita não deixa o Olhanense.

De 8 em 8 dias

(Continuação da página 10)

mulo humano de poder afirmar que a «cosa» era obra sua, de mais ninguém...

Que diz a isto o «menino trinado»?...

Isto pode continuar assim?

O preço porque vendemos é o mesmo porque comprámos...

Hé dia, um amigo veio confundir-nos que, em determinada colectividade, não havia reunião de direcção porque esta encontra-se em minoria, visto a maior parte dos eleitos não comparecerem.

Trate-se de um importante clube desta cidade, dos mais falados ultimamente, e cuja situação administrativa não deve conflinar neste pé, por muita boa vontade que haja do porte dos «únicos sacrificados»...

Mes preguntamos nós: os sócios não sabem desta ilegalidade? Se sabem e consentem têm culpas e maiores; se de facto não sabem, então ainda é tempo de mudarem a má orientação que estão a seguir os directores da sua colectividade!

REMO

(Continuação da página 2)

de 8 — que foi magnífica, cheia de emoção. Vitória da Naval 1.º de Maio por uma prôa de diferença.

Outra prova ainda se disputou que despertou também grande curiosidade: a de «out-riggers» de 4, entre a secção náutica da casa do Povo de Lanhelos e a Naval 1.º de Maio. Os remadores de Lanhelos impressionaram muito bem, concluindo a prova com 3 barcos de diferença.

A última prova complementar disputou-se entre o Fluvial e o Sport. Boa vitória do Fluvial.

FERNANDO SA

João Lourenço

ganhou o campeonato regional de velocidade

Na última semana disputou-se na pista do Lamiar o campeonato regional de velocidade. Só por si — este atractivo assegurava a comparença de muito público. Mas além dos campeonatos regionais de velocidade, também o programa de pista não estava mal elaborado.

Disputou-se primeiro uma prova para «iniciados», em 20 voltas. Venceu José Jacinto, da Iluminante. Nos lugares secundários classificaram-se António Marques, do Arrois, e Carlos Santos, da Iluminante.

A seguir, entre amadores, José Jacinto, também da Iluminante, ganhou o critério de velocidade, dominando José Faria, do Sporting. Tempo das 30 voltas: 19 m. 17 s. 2/5. Depois classificaram-se José Faria e Manuel Espadinha.

A grande prova de «lindo» era sem dúvida a de «independentes». Eduardo Lopes e João Lourenço eram os «nomes» — os rivais. Todavia, o corredor Leonino venceu com a facilidade que não era esperada. Lourenço, em grande forma, muito bem treinado e beneficiando de um novo arranjo na sua máquina — selim mais baixo e roda pedaleira com outro andamento — ganhou as duas mãos. Além disso, tomando o «comando» na primeira — nunca mais deixou que Eduardo Lopes se aproximasse. Na última tirada mudou de tática, propositadamente, mas sem consentir que o adversário se afastasse muito. O tempo de Lourenço nos últimos 200 metros da 2.ª «meia», 13 s. 4/5 — é magnífico. Um bom resultado, sem dúvida.

Depois desta prova oficial, disputou-se a «meia hora» americana. Os marroquinos Driss e Djillali, foram os vencedores.

Na última sessão do Estádio

verificaram-se vitórias do Sporting, da Iluminante, do Sangalhos e dos marroquinos

No domingo, no Lamiar, realizou-se outro festival, promovido pela ligação Sporting-Iluminante-Lisgás. Principia por uma corrida para «iniciados», eliminação, tendo ganho José Parreira, do Sangalhos. Durante esta corrida efectuou-se também uma prova de «veteranos», com a vitória prevista para Heider Canha.

A seguir, uma prova de meninas, com a seguinte classificação: Ebrantina Marques, do Sporting; Maria Matos, da Iluminante; Mariana Fernandes, do Sporting, e Dalila Cunha, do Sporting. Esta última corredora, sem dúvida a mais forte das participantes, não pôde concluir a prova por avaria na máquina.

Interessante uma outra prova de eliminação entre amadores. Concorreram 7 ciclistas e depois da eliminação de Armando Silva, Domingos Jacinto, Camelo de Oliveira e Santos Gonçalves, — disputaram muito bem a «final»

José Jacinto e Manuel Espadinha. O primeiro venceu bem.

Os marroquinos, em «perseguição» excelente, ganharam aos dois do Sporting, da Iluminante e do Lisgás. Os corredores Driss e Djillali, muito iguais, são excelentes neste género de provas.

Por fim — nova corrida da «Hora Americana». João Lourenço-Aristides Martins impuseram-se no conjunto e a sua vitória veio a tornar-se fácil. João Lourenço ganhou todos os «sprints» — como quis.

Os marroquinos, entretanto, deram sempre boa luta, não consentindo que o Sporting obtivesse qualquer volta de vantagem. O par da Iluminante (Jorge Pereira-Guilherme Jacinto), não pôde lutar com o sea costumado brio. Eduardo Lopes não compareceu e a sua equipa ficou sem possibilidades.

No conjunto, a sessão não desagrudou. As possibilidades das equipas adversárias do Sporting (marroquinos à parte) é que estavam deminuidas.

O II LISBOA-SANTARÉM-LISBOA disputa-se no domingo

A interessante prova que é o Lisboa-Santarém-Lisboa, organização do Desportivo da Iluminante, effectua-se no domingo próximo, pela segunda vez.

Como se sabe, o percurso desta competição é de cerca de 160 quilómetros, desde Lisboa, por Sacavem, Alhandra, Vila Franca, Cartaxo, Azambuja, Santarém e volta.

A partida será dada da rotunda do Arieiro, efectuando-se porém a concentração dos corredores no largo do Intendente, junto do «stand» Fiecha, até às 9 horas precisas. A chegada verificar-se-á no estádio do Lamiar, à tarde, durante um festival misto de ciclismo e atletismo. Os corredores darão 20 voltas à pista.

A prova é aberta a corredores independentes (agrupados em equipas de três elementos) e amadores, estes individualmente.

Para a classificação geral encontram-se estabelecidos os seguintes prémios: 1.ª equipa — taça «Iluminante»; 2.ª equipa — taça «Alfredo Luis da Piedade»; 3.ª equipa — taça «Alberto Raposo». Em relação aos amadores, haverá também taças para os clubes classificados nos dois primeiros lugares.

Ainda quanto à classificação dos independentes, serão atribuídos 12.ª prémios individuais, além de 5 para os vencedores de cada etapa. Da mesma forma os amadores terão 5 prémios para a classificação geral e 3 medalhas para os melhores de cada tirada.

Está já assegurada a inscrição do D. Iluminante, Sporting, Lisgás e da equipa marroquina. Foram também convidados o F. C. do Porto, Sangalhos, Académico, Sacaveiros, Desportivo de Aves e Leça.

Sport Lisboa e Benfica

Está aberta na secretaria do clube a inscrição para todos os sócios e simpatizantes que queiram praticar esta modalidade.

Ano III — II Série — N.º 143
Lisboa, 29 de Agosto de 1945

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:
Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
Sociedade do Revistas Gráficas, Lda.

Redacção e Administração

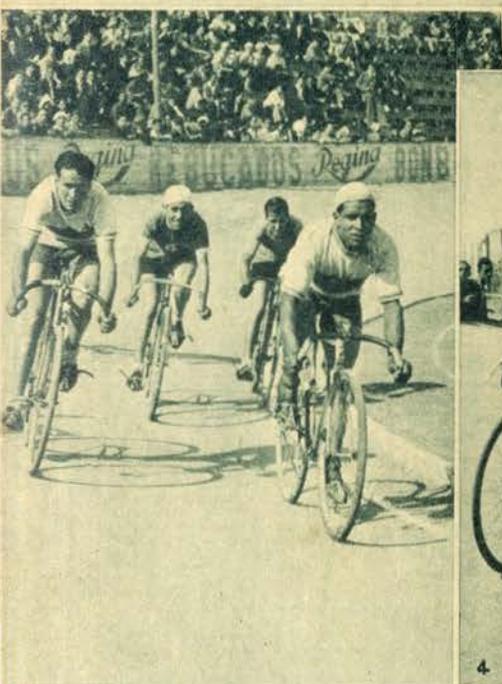
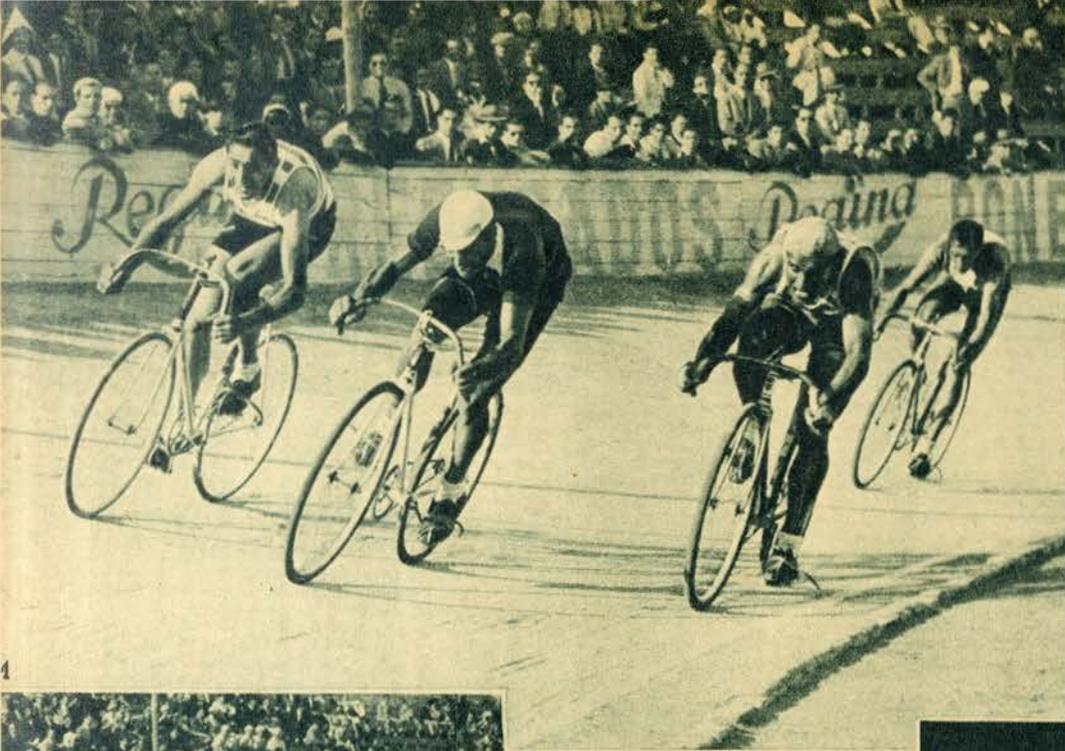
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 5.º

Telefone 51146 — LISBOA

Execução gráfica de
NEOGRAFURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Stadium



1 - No «sprints» mais emocionante da tarde de domingo, Lourenço vai passar Dillhall para cortar a meta em vencedor; 2 - João Lourenço, do Sportina, na noite em que conquistou o campeonato regional de velocidade; 3 - Fase da prova de eliminação para amadores. José Jacinto, do Iluminante, segue à cabeça e será o vencedor; 4 - Fase da prova de 5 voltas para senhoras; 5 - J. Jacinto, J. Fêria, M. Espadilha, 1.º, 2.º e 3.º no critério de 30 voltas para amadores disputado na quarta-feira

O VIII PORTUGAL-SUÍÇA de «hockey» em patins: Aspecto da chegada dos jogadores suíços à estação do Rossio, recebidos pelos dirigentes e internacionais portugueses



TIRO DE ARCO - O Ginásio Clube continua na sua propaganda deste curioso desporto. A gravura mostra os concorrentes ao torneio efectuado em Paço de Arcos, com a colaboração do Desportivo de Paço de Arcos

